

O Progresso Catholico

... sequor autem, et quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melius
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO: Secção Religiosa: *Portaria do Ex.^{mo} Arcebispo Primas; Venite, adoremus*, por P.—Secção Scientifica: *Jurisprudencia canonica—Alienação dos bens da Igreja*, por F. A.; *Estudos biblicos, As bellezas dos Psalmos*, por ***.—Secção historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 4.^o*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção critica: *Futuro*, por Dom Antonio d'Almeida; *Brazil*, pelo mesmo.—Secção Bibliographica: *Os Esplendores da Fé*, por A. Moreira Bello.—Secção Illustrada, por M. F.—Secção Litteraria: *Natus est Jesus*, por J. Rangel dos Quadros.—Retrospecto, por M. F.

Gravuras: *Venite, adoremus; Napoles.*



VENITE, ADOREMUS

SECÇÃO RELIGIOSA

Portaria (1)

UONSTANDO-Nos, por participação official do Rev.^o Parocho de Santa Marinha de Loivo, Arciprestado de Caminha, e com profundissima dôr, que um novo attentado sacrilego, acompanhado de circumstancias nefandas, se co-

mettera na noite de 15 para 16 do corrente, na qual, arrombando a porta principal da igreja parochial d'aquella freguezia, homens perdidos, sem temor de Deus, não só mutilaram as vestes sagradas que encontraram, arremessando-as pelo solo da sacristia, mas roubaram, além de outros objectos de prata, dois calices e duas patenas, e o proprio Vaso Sagrado, em que se guardava no Sacrario o Augustissimo Sacramento dos nossos altares, levando a sua perversidade ao ponto da mais inaudita profanação, pois que de dezeseis

Particulas e de uma Hostia consagradas, que existiam na Pyxide ou Vaso Sagrado, apenas quatro particulas se encontraram dispersas em uma matta proxima do adro da igreja!

Considerando que tão nefando crime não pôde deixar de ter offendido e aggravado infinitamente a Magestade Divina, tão zelosa pelo respeito devido á sua casa e habitação, que feriu de morte os impios Coré, Dathan e Abiron, só porque ousaram pôr mãos sacrilegas na Arca d'Alliança, que era apenas sombra e figura dos tempos da Nova

(1) Do *Amigo da Religião* de 6 de dezembro.

Lei e dos seus tabernaculos, onde se guarda verdadeira, real e substancialmente, o Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Christo no Sacramento do seu amor;

Lamentando do fundo do Nosso coração tão horrendo attentado, e considerando que é dever nosso procurar desaggravar a mesma Divina Magestade, tão atrozmente offendida, e aplacar a sua justiça infinita, para que não venham os seus castigos tremendos cair sobre os peccadores;

Havemos por bem ordenar que, em tres dias consecutivos, a contar do proximo domingo, e á hora que mais convenha para commodidade dos fieis, comtanto que não seja de noite, se façam preces publicas na referida igreja, com o Santissimo Sacramento exposto á porta do Sacrario, pedindo-se a Deus Nosso Senhor que se amercie de todos nós, suspendendo os castigos da sua justiça, dispensando-nos as suas graças e tocando o coração dos proprios authors dos referidos sacrilegios, para que se convertam, convindo que o Revd.^o Parocho faça comprehender n'essa occasião, por meio de praticas adequadas, a enormidade dos crimes praticados, a justa indignação por elles causada no Coração de Deus, e a necessidade de se desaggravar a sua infinita Magestade, tão indigna e atrozmente ultrajada.

Como, porém, segundo Nos communicou o mencionado Revd.^o Parocho, lavrado o competente auto de corpo de delicto, elle fechou a igreja exercendo provisoriamente as funcções parochiaes em uma capella, o que approvamos, deverá trasladar d'ali processionalmente para a igreja o Santissimo Sacramento antes de se começarem as ordenadas preces.

Esta Nossa Portaria seja registada e remetida ao dito Revd.^o Parocho de Santa Marinha de Loivo, para sua intelligencia e devidos effeitos, e será publicada no *Amigo da Religião*.

Paço de Braga, aos 26 de novembro de 1889.

Antonio, Arcebispo Primaz.

Venite, adoremus!

NATAL!... Quem ha se não impressiona ao ouvir esta palavra que desde nossa primeira infancia tão suaves melodias depõe em nossos ouvidos?...

Tristezas, ide-vos, que vossa presença é incompativel com os jubilos divinos d'esta quadra que não conhece par. Negocios, repousai-vos, que an-

dam meus cuidados captivos do que mais de perto soe influir na impressionabilidade de meu coração e na continua operosidade de meu espirito. Projectos absorventes do futuro, deixai que por algum espaço de vós se afaste meu pensamento, para se recrear n'um assumpto—centro de todos os assumptos, ponto convergente de todos os actos humanos, interceptriz da eternidade antes do tempo e da eternidade após o tempo, synthese superexcelsa das magificencias prodigiosas do Creador.

Natal!... Que sobrenaturaes docuras não vertes em copiosa onda no seio expansivo e ingenuo das creancinhas christãs, quando raia o dia, aquelle dia dôze mezes esperado, em que da arca veneranda sai a exhibir-se, formoso, alegre, risonho, em trage de festa, e da maior de todas, aquella multidão de gente, aquelle mundo garrido, que povoa as circumvisinhanças do classico presepio! É o Menino Jesus, com o seu leitinho de feno e a tunicasinha de fio d'ouro; a Virgem, com o fino enxoval do mimoso Infante, o divino Amor; S. José, com seu manto nobre e bordão florido; seraphins suspensos no espaço, na attitude de enloarem o *Gloria in altissimis*; grupos graciosos de pastores em adoração reverente; a vacca mansa, o pacifico jumento, outr'ora e hoje typo consummado da indiferença; em summa, os accessorios variados e multiplos d'aquelle santuario pittoresco, attracção, por celestiaes quinze dias, do irrequieto bando infantil que, n'esta epocha abençoada, tanto lida, tanto sussurra, tanto se agita, sem denegrir suas acções com as levianas impertinencias peculiares do demais tempo do anno!

Natal!... Por toda a parte insufla uma vida nova, repleta de suavissimas recordações. O creado afadiga-se para ter, na hora aprasada, concluido o labor agricola e achar-se prestes a ir, com o amplo açafate da consoada, levar á mãe que vem esperal-o a meio de caminho, generosas provisões para a ceia lauta d'aquella noite de sanctas alegrias. A donzella arrecada a saia nova e o lenço amarello com que no dia seguinte hade sair enfeitada a beijar o pé ao Menino Jesus. A dona de casa sonha nas especialidades alimenticias que n'aquella noite fazem as honras da festa, e que embora reproduzidas sómente d'anno a anno, jamais deixam de sair temperadas no devido ponto. N'este dia não sabem conter os esposos malavindos, os paes não reprehendem nem temem que reprehender, os irmãos fruem as delicias mais puras da recipoca harmonia, os visinhos saudam se com rostos francamente joviaes, parecendo achar se tudo

e verem-se todos influidos por aquellas tão consoladoras palavras, significativas da mais sublime felicidade, da unica talvez que se pôde obter sobre a terra, e que devêra ser o scopo principal da humanidade inteira — *et in terra par hominibus bonæ voluntatis!*

Natal!... Ha quasi vinte seculos é o cantico de amor, o Hosanna de gratidão, elevado aos pés do Altissimo pela bocca de todos os opprimidos. O escravo viu partidos os grilhões que lhe rouxeavam os pulsos; a esposa tomou na familia o logar nobre a que tinha jus como socia e não escrava do homem: o filho viu a sua vida tutelada; o menigo, o infermo, o inválido, deixaram de ser objecto de execração universal.

Os direitos firmaram-se; os deveres suavisaram o laço estabelecido entre os homens; todas as verdadeiras liberdades, todas as obras de regeneração e salvação, todos os progressos reaes, promanaram como de fonte legitima do berço humilde do Messias promettido. Entre a dissolução do imperio romano, em que os Ciceros, os Catões e os Senecas, modelos dos cidadãos d'outr'ora, praticavam infamias taes que não podemos narral-as a nossos leitores—e entre a barbaria das hordas baixadas do Norte, que degradação não cobriria hoje a face da Europa, se a doutrina purissima do Christo, a *boa nova* raian-do na cerração das torpezas do paganismo, não viesse trazer a ordem aos cahos medonho em que o mundo se aniquilava!... Dos horrores do paganismo salvou-se o mundo á voz d'aquella infante que hoje celebramos nascido na inhospita grutta de Belem.

Mas ah! quem lança hoje os olhos pela superficie da terra, contempla a submergil a toda novo diluvio de elementos delecterios, derivados do seio impuro do naturalismo e do racionalismo. Satanaz vencido, ergue se de novo com o arrojo supremo que lhe inspira um odio eterno, e tenta uma vez mais, curvando os homens ao seu jugo, ferir no mais vivo o Senhor dos Céos e da terra, o Deus dos exercitos, a quem jurou guerra interminavel. No emtanto, os mesmos principios do Evangelho, a força inexaurivel contida nos Sacramentos da Igreja, encerram igual vigor ao d'aquelles tempos em que perante elle cederam os erros da antiguidade pagã. O facto sem igual do nascimento do Verbo, teve por testemunhas representantes da humanidade inteira: Uns conturbaram-se e rugiram indignados, como Herodes, a corte, os phariseus; outros permaneceram indifferentes á maravilha mais estupenda dos seculos, como os brutinhos que ladearam o solitario presepio; outros acudiram de lance a venerarem o Liber-

tador das gentes, como os pastores e os Magos; outros elevaram-se nos roubos mais sublimes de amor e adoração perante o Unigenito de Deus, como os Anjos, José e Maria a Immaculada.

Hoje, ainda, os povos da Terra libram-se em redor do berço de Jesus, à similhaça de seus primitivos representantes: ha, como outr'ora, Herodes, phariseus, irracionaes, almas impensas ao amor, desde as mais tibias às mais sobrenaturalmente apaixonadas. Por entre os erros d'hoje cresça, cresça de continuo o numero d'estas ultimas, e veremos de novo multiplicarem-se os exemplos das graudes virtudes christãs, regenerando-se o mundo nas torrentes de graça represadas nas paginas dos Livros sanctos.

«O Evangelho—diz Ullmann—não exprime ainda todo o seu pensamento nem proferiu sua ultima palavra. Em um sentido, tudo disse desde o principio, em outro resta-lhe ainda muito que dizer; e o mundo não cessará de existir sem que o christianismo haja dicto tudo.»

Em torno pois do berço de Jesus congreguem-se fervorosos os fieis, e fazendo violencia a sua misericordia illimitada, obtenham a realisacão do aneio de todos os justos—*Adveniat regnum tuum!*

Dezembro—24.

P.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Jurisprudencia canonica

Sobre a alienação dos bens da Igreja

(Continuado do n.º anterior)

VIII

ESTABELECIDOS os principios geraes nos dois n.ºs precedentes, vamos responder ao assumpto indicado ao concluirmos o nosso ultimo artigo.

«Se a junta deu aquella applicação indevida aos bens da igreja, por suppôr, que a lei civil a tanto a obrigava, ainda estará incursa nas dictas penas canonicas?»

Para responder cabalmente a este quesito, nada mais temos a fazer que expor a doutrina canonica a tal respeito, e em vista d'ella, os taes da junta, pondo a mão na consciencia, poderão fazer juizo ácerca da boa ou má fé com que procederam, em negocio de tanta magnitude.

E' doutrina geralmente admittida pelos canonistas, que, para ser infligida a

pena de excommunhão maior, importa:

1.º que o delicto seja externo por que *de internis ecclesia non judicat*—*Cap. 33 de Simonia*; 2.º que o crime seja grave—*Arg. can. 39, caus. 11, q. 3—Concil. Trid*; (a este respeito, os da junta da freguezia de X, não podem duvidar de que estejam gravemente culpados); 3.º que haja contumacia, a qual, como é sabido, consiste no despresos da auctoridade ecclesiastica. E dá-se tal despresos, ou quando se resiste ao superior que manda legitimamente; ou quando qualquer sabe que alguma coisa é prohibida pela Igreja sob pena de censuras, e todavia não hesita em pol-a em execução.

Por tanto, ensinam os canonistas, ser escusa para não se incorrer nas censuras: 1.º a *ignorancia de direito e de facto*; isto é, quando alguém sabe que tal acção é prohibida pela Igreja, mas ignora a censura que lhe está annexa não ser que a ignorancia seja *supina* ou *crassa*, e muito mais se for d'aquella que os moralistas chamam *affectada*, isto é, quando alguém duvidando, se ha ou não censura n'esta ou n'aquella acção, não tracta de averiguar a verdade, porque a não querem conhecer. (*Cap. 2 Constit. in VI.*)

Afirmam ainda os canonistas, que se a censura foi fulminada sob esta formula «*scienter, temerario ausu egerint, vel qui agere praesumpserint, etc.*» n'este caso escusa de incorrer na pena a ignorancia, ainda mesmo que seja *crassa* e *supina*.

E a razão é que para incorrer na censura, é preciso que o individuo tenha d'ella conhecimento positivo, e intenção de a desprezar, *et non contemnit qui ignorat.*

Ora, a *Constituição Apostolicae Sedis* exprime-se assim: *Alienantes et recipere praesumptes bona ecclesiastica, etc.*

Logo, os que vendem os bens da Igreja, se estão na *boa fé* ou em *ignorancia provavel*, não concorrerem na excommunhão, *latæ sententiae nemini reservatæ.*

E deste parecer é o insigne canonista De Angelis nas suas *Prælectiones Juris Canonici*, (Tom. I pag. 280).

E' que, segundo S. Alfonso de Liguorio, a censura é uma pena extraordinaria, e é por isso preciso, para incorrer n'ella, um pleno conhecimento. (VI. 1074). (1)

Disputam os canonistas, se a *ignorancia affectada* tambem escusará de incorrer nas censuras. Porém a este respeito diz o sabio professor de Direito Canonico no Seminario Romano, Fran-

(1) Quem quizer, pode consultar a este proposito Sanchez *Matrim.* IX, 31 e 32; Sanchez *De Censuris*, 4, 10, 2; Bonacini *De Censuris*—Disp. 1.ª, q. 2.ª, part. 3.ª, etc.

cisco Lanti:—*Communior est aliorum sententia qui docent non excusare, quia hæc ignorantia in jure dolo comparatur.* (*Praelectiones Juris Canonici—Liber V, pag. 120.*)

Ora, se os da junta estavam n'esta boa fé e ignorancia, certo que não incorreram na pena.

IX

E o parochio estará elle incursos, sabendo que era obrigado a obstar ao extravio dos dinheiros da junta e não obistou?

Parece-nos que sim, pois se os membros da junta, não os desculpando a boa fé ou a ignorancia, incorreram nas penas canonicas, por applicarem a fins profanos o dinheiro da Igreja, por maioria de razão n'ellas está incursos o parochio, que é o unico administrador responsavel, por direito canonico, dos bens da sua Igreja, e embora os não administre de facto, deve sempre tel-os em vista e envidar directa ou indirectamente, todos os esforços, para que sejam administrados e applicados aos fins para que foram destinados.

Ora, pelo que vemos na consulta, o parochio da freguezia de X nada fez para impedir o desvio dos bens da sua igreja; nem exhortou nem intimou os da junta a que não perpetrassem um attentado contra a propriedade da Igreja, nem recorreu a outros meios, mesmo legaes, que podia facilmente empregar. Logo mostrou-se connivente, e consentiu no roubo, e pode-se-lhe, sem duvida, applicar o—*quis tacet consentire videtur.*

«Mas—pergunta o sabio consulente—estará o parochio isempto das censuras da Igreja, se não obistou, por ignorar as leis canonicas?»—Parece-nos que sim, em vista dos principios que expozemos. Todavia, em negocio tão grave, e tractando-se d'um parochio que, por dever do seu estado, tem obrigação de saber as leis canonicas, será prudente que, *ad cautelam*, recorra à Sancta Sé, expondo o caso acontecido, e pedindo a absolvição das censuras em que porventura tenha incorrido. E os membros da junta não fariam mal se fizessem o mesmo, pois é muito possivel que tambem tenham incorrido nas penas canonicas.

Ha muito a ganhar e nada a perder, se assim fizerem.

X

Relativamente à restitução, quaes serão os deveres da junta e do parochio?

E' certo que tanto aquella como este, concorreram efficazmente para o grave prejuizo, que soffreu a igreja parochial de X; este consentindo com o seu si-

lencio culpavel, aquella applicando para a escola o dinheiro que pertencia ao culto divino, e por conseguinte são obrigados a restituir *in solidum*.

Todavia, como se tracta de reparar um damno, a juncta que foi a *mandante*, é a primeira a quem incumbe reparar os damnos causados á egreja. E se ella o não fizer, deve fazel-o o parochio, como cooperador negativo n'aquelle damno; pois devendo impedir, como parochio e administrador de direito dos bens da sua egreja. portou-se como *mutus, non obstands, non manifestans*, não mostrando á juncta a iniquidade que commettia, não a denunciando á auctoridade superior, não protestando quando outra coisa não podesse fazer, contra tão sacrilega usurpação.

De mais, não só obraram em contravenção com a lei canonica, mas ainda contra a disposição da lei civil, como já o vamos ver, a qual lhes facultava outros meios legitimos para montarem a escola.

XI

«Mas—diz o nosso consulente—se a juncta deu applicação indevida aos bens da Egreja por suppor, que a lei civil a tanto a auctorisava, ainda estará obrigada a restituir?»

E' preciso admittir uma hypothese, realmente bem desairoza para a juncta de X, suppondo a tão superlativamente ignorante, que, por um lado, não tivesse ouvido fallar da Carta de Lei de 11 de Julho de 1880, que auctorisava as junctas de parochia a lançarem para a fundação e despezas das escolas um imposto especial, que não exceda a tres por cento addiccionaes ás contribuições geraes directas do Estado; e por outro lado, sendo composta de catholicos, não soubessem ou não tivessem ouvido dizer, que o Estado não pôde dispôr de bens de Egreja. Mas emfim, apezar de verdadeiramente incrível uma tal ignorancia, é possível que a houvesse.

Seria ella porém em tal grau, que escuse a juncta e o parochio de culpa mortal, e por conseguinte de restituição á egreja lesada?

Não teriam na verdade os da juncta e o parochio nenhuma duvida a respeito da applicação dos bens da Egreja, para um fim tão estranho?

Não advertiriam, ao menos *in confuso*, que poderia ser grave peccado dar para a escola o que era destinado para o culto de Deus? E tendo tal advertencia, procuraram averiguar a verdade consultando pessoas auctorisadas, ou não?

Logo, se assim não procederam, obraram com consciencia vencivelmente erronea, e por isso peccaram.

Isto é corrente em Theologia moral, pelo que nos dispensamos de citar auctores em corroboração de nosso aserto.

Será no entanto possível uma tal ignorancia, assim completamente involuntaria e inculpavel?

Não nos parece, repetimol-o. Mas se ella se dêsse effectivamente, ou por ser invencivel, ou a respeito do que não somos obrigados a saber, d'uma tal ignorancia diriamos com Santo Thomaz, *omnino excusat a peccato*. (Part. 1.^a, q. 76, art. 3).

Mas, ainda que na juncta é apenas possível, e de modo nenhum provavel, não é ella admissivel nem desculpavel no parochio, pois este tem por dever do seu estado o saber as leis da Egreja e dirigir o povo de Deus pelo caminho seguro da salvação, e a sua ignorancia n'este ponto é portanto, altamente culpavel e criminosa por quanto diz o Doutor Angelico, *ignorantia juris raro est invencibilis, quia unusquisque tenetur scire leges ad se pertinentes*. (P. 1.^a 2.^a q. 76, art. 4).

Vamos terminar esta complicada consulta, lembrando ao parochio da freguezia de X um alvitre, que não sabemos se será ou não exequivel.

O art. 15 da Carta de Lei de 11 de junho de 1880 diz o seguinte: «As junctas de parochia, que pelos seus actuaes rendimentos não poderem satisfazer ao encargo que lhe impõe o §. unico do art. 7.^o (que manda á juncta comprar livros e vestuario para os filhos de gente miseravel poderem frequentar a escola), e o §. 1.^o do art. 61.^o da Lei de 2 de maio de 1878. (que incumbe ás junctas de parochia dar casa para a escola e para o professor, comprar mobilia, bibliotheca, etc.) são obrigadas a lançar para este fim um imposto especial, que não poderá exceder a 3 por cento addiccionaes ás contribuições geraes directas do Estado.»

Ora, em vista d'este artigo de lei não poderia o parochio reclamar da juncta o dinheiro que ella applicou para a escola, lançando esta a tal contribuição de tres por cento, que podia e devia exigir da freguezia, em virtude do artigo exposto?

Seria o meio facil de tudo se remediar.

Parece-nos ter respondido á grave consulta que nos foi proposta, e apenas sentimos que os varios que fazeres por que anda repartida a nossa attenção, nos não dessem logar a trabalho mais correcto e apurado em asumpto de tão momentoso alcance.

F. A.

Estudos Biblicos

As bellezas dos Psalmos

(Continuado do n.º 23 do ultimo volume)



RIQUEZA da poesia lyrica de David mais excita a admiração ao entrar-se no templo no dia d'essa outra festa—a do Pentecostes—(Ps. 64) onde

No erguido nome de Sião resoem
Alegres hymnos ao Senhor devidos
E o povo grato na cidade Sancta
Votos lhe offerça

Benigno ouviste meus humildes rogos,
O' Deus clemente! de tropel já correm
Ati os filhos d'Israel, que afflictos
Antes gemiam (1).

Porque o psalmista aproveitou esta circumstancia para ostentar o mais risosinho, o mais engenhoso e o mais animado dos quadros da natureza; David deleita-se a exaltar, nos mais esplendidos termos, a bondade do Deus que fertiliza a terra; e, se ha alguma coisa que se possa comparar com a riqueza das expressões que elle prodigaliza, certamente não pôde ser senão o brilho das riquezas que elle descreve.

Assim consolas o assustado globo:
Assim sobre elle novos bens derramas.
Ja do seio, que o calor fecunda,
Brota a abundancia.

Essas torrentes, que dos ceos desatam,
A terra alentam, que sulcaram o ferro;
Do vivo germe, que no grão se encerra,
Os lhos quebram.

Eis convertidas em subtile vapores,
De novo aos ares, invisiveis sobem,
E transformadas em miudo orvalho
A' terra voltam.

Luzente aljofar nas virentes folhas
Das tenras plantas, gracioso, brilha;
Quando no Oriente os rutilantes raios
Do sol apontam.

Viojea alegre a rociada varzea,
Vastas lezírias, empinados montes
De tuas benções os influxos sentem,
Fartura ostentam.

Incultas serras, charnecosos campos
Vigoso pasto ao medio gado offerecem;
Loiras espigas na seara ondeam,
Que os valles cobre.

Assim te mostras providente e sabio:
Assim clemente o povo teu te aclama,
E, grato e ledo, em teu louvor entoa
Devotos hymnos (2).

Isto é que é poesia; quer no fundo, quer na fórma! Seria bom que os nossos... (deixem assim dizer-me!) poetas, os *grandes*—assim intitulos peitos seus—lançassem os olhos para ella para que se deixassem de fazer os

(1) Psalmos de David, vertidos em portuguez pelo Padre A. P. de Souza Caldas. 1820.

(2) Padre A. P. de Souza Caldas.



seus ócos alexandrinos como tambores!... (1)

* * *

O psalmista arrebatava-nos ainda, com as imagens mais sublimes quando elle publica a grandiosidade de Deus no *hymno da restauração* (psalmo 96.).

Quer-se acaso, após essas emoções fortes, após esses quadros imponentes, refugiar-se nos sentimentos mais doces e mais ternos: o mesmo psalmista nos offerece o *hymno das misericórdias* (psalmo 106.).

E essas passagens do psalmo 138?! N'este psalmo, David deixa se imbuir pela idéa da presença de Deus, e as mais suberbas expressões offerecem-se em tropel ao seu espirito (v. 7—10; já demos algures um fragmento d'este psalmo).

* * *

Todos estes hymnos eram, como dissemos, cantados nas ceremonias publicas da religião, das quaes umas se davam em épocas fixadas pelas leis, e outras eram ordenadas pelos sacerdotes em circumstancias extraordinarias. Entre estas ultimas, ha uma cuja grandeza inspirou os hymnos mais suberbos aos poetas sagrados: foi a trasladação da arca para o monte Sião.

Por longo prazo esta arca santa foi vista n'um sitio ermo e deixada sem culto no Ephrata.

Ora este espectáculo que entristecia a alma de David, fez com que elle jurasse de *jamais dormir em enquanto não houvesse encontrado um domicilio para o Senhor, um tabernaculo para o Deus de Jacob.*

A arca da alliança onde o Senhor preferia habitar com toda a sua gloria, é pois emfim transportada para o monte santo. Ella sae do palacio de David, onde havia, primeiramente, sido depositada, e o clero em côro principia o *hymno da saída* (psalmo 67), que infelizmente se nos offerece á vista coberto de escuridão em varias passagens. Mas esta infelicidade não chega aos outros hymnos que foram compostos para esta solemne cerimonia.

O que ha de mais bello como o *hymno do introito* (ps. 23) que foi cantado em dois côros no momento em que a arca entrava no templo? *Domini est terra, et plenitudo ejus...*

A terra é do Senhor, e a copia ingente de suas produções, o Orbe, e quantos Encerra habitadores;

(1) E os leitores ignoram acaso quem sejam os grandes poetas da actualidade, em Portugal?!... São os *estylistas!* e os *estylistas* são... os *melros, as andorinhas,* e os *candidos...* dos jornaes de 10 réis!...

Porque elle equilibrou-o sobre os mares, E sobre os rios o fundou. — Quem hade Subir no monte santo,

Onde d'este Deus grande o throno brilha? Quem permanecerá dentro em seu templo? — Somente o que recosta

Mãos innocentes sobre puro peito, Nem aventura, temerario e louco, Sua alma, e não engana

Fementido a sea proximo, jurando. Este o retrato dos que a face buscam, A face radiante

Do Deus excelso de Jacob. Eis chega O suspirado instante; ouvi, ó Principes Da gloria, abri as vossas,

Longo tempo cerradas, aureas portas: O' portas eternas desencerrai-vos, Que assuma o Rei da gloria.

— Quem é esse Monarcha glorioso? — He o Deus poderoso nos combates, O Deus forte, e potente.

Celestes Principados, vossas portas Abri, não duvideis, erguei-vos promptas, Portas da eternidade;

Ao Rei da gloria franqueai a entrada. — Quem he esse da gloria Soberano? — A's tremendas virtudes,

Aos poderes, e exercitos celestes Elle altivo commanda: este he da gloria O Monarcha Supremo (1).

No proximo estudo, veremos o duplo fim dos hymnos historicos, bem como o character d'estes hymnos e o seu destino.

* * *

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

4-1.º

CV

P. Luiz Nogueira

oão Baptista de Castro, no seu *Mappa de Portugal*, diz o seguinte:

«P. Luiz Nogueira, natural de Formoselhe, e douto jesuita, que na exposição da Bulla da Cruzada adquiriu eterno e famoso nome.»

Foi, portanto, este jesuita um dos homens notaveis do nosso reino: o testimonho de Baptista de Castro é tanto mais insuspeito quanto este escriptor não era muito afeiçoado á Companhia de Jesus, como se vê pela sua obra. Mas convem dar do P. Nogueira uma noticia mais circumstauciada.

Luiz Nogueira nasceu em Formoselhe ou Formosella, aldeia da freguezia de Santo Varão, concelho de Montemor Velho, a 6 de dezembro de 1620.

(1) Padre A. P. de Sousa Caldas.

Esta aldeia é pouco distante do logar onde ao presente demora a 25.ª estação do caminho de ferro do norte, denominada mesmo *Formosella*.

Foram seus paes Manuel Fernandes e Anna Francisca. Vestiu a roupeta de Santo Ignacio no Collegio de Coimbra, a 26 de março de 1637, e alli, segundo o costume da sua Ordem, estudou as sciencias com reconhecida superioridade aos seus condiscipulos.

Dicou philosophia no Collegio de Braga, e theologia moral no do Porto, sendo eminente n'esta ultima faculdade, a ponto que era consultado por todos nas materias mais graves. O seu voto em qualquer questão era sempre attendido e venerado como uma decisão.

No anno de 1663 acompanhou o P. Jacintho de Magistris, quando este partiu para ser visitador da Provincia do Brazil; regressando a Portugal, foi reitor do Seminario de S. Patricio em Lisboa.

Missionou por varias terras do nosso reino, colhendo grande fructo com os seus sermões, venerado em toda a parte como um religioso douto e virtuoso.

A maior parte do tempo assistiu na Casa de S. Roque, á dirigir penitentes no confissionario para o caminho do céu.

Falleceu o P. Luiz Nogueira a 30 de junho de 1696, deixando, entre outras, uma obra em latim, que immortalizou seu nome no catalogo dos theologos portuguezes: intitula-se *Expositio Bullae Cruciatæ*; é um grosso volume *in-folio*.

Com relação ao assumpto de que trata, não ha outra obra que possa substituir a do P. Luiz Nogueira: elle foi o que primeiro, mais largamente e melhor explicou a Bulla da Cruzada, concedida a Portugal; e por isso o seu trabalho é indispensavel ao clero, e bem assim a todos os que pretendem ter conhecimento d'aquella graça pontificia.

O livro do P. Nogueira é um trabalho completo: a proposito da Bulla, discute e resolve muitas questões pertencentes a theologia moral, na qual o auctor era profundo.

Teem-se feito d'esta importantissima obra varias edições; a que possuímos sahio em Anvers, no anno de 1716.

Advertiremos aqui que um outro jesuita tratou do mesmo assumpto n'um pequeno livro, que não é outra coisa que um resumo da do P. Nogueira: foi o P. Francisco Caeiro, nascido na freguezia de S. Pedro do Corval, conceito de Reguengos, e fallecido a 11 de fevereiro de 1721. Como compendio, é uma excellente obra.

O sabio theologo hespanhol D. Miguel Sanches ha poucos annos que tam-

bem publicou uma obra em latim sobre a Bulla da Santa Cruzada. E' um trabalho de muito merecimento, mas que não pôde dispensar a obra do P. Nogueira, porque a Bulla hespanhola, em alguns pontos, differe da nossa.

Voltando a fallar do P. Luiz Nogueira, este sabio jesuita ainda escreveu outras obras, em latim, sobre materia moral, de muita utilidade ao clero. As principaes são: *Questões singulares, experimentaes e praticas*, e *Casos reservados* nas dioceses de Portugal.

A primeira obra é uma especie de Consultorio Ecclesiastico, como o que ha tempos publicou o snr. dr. Manuel de Albuquerque: é copioso em doutrina e coizas muito curiosas.

Ultimamente diremos que, ainda que o P. Luiz Nogueira fosse um theologo eminente, versadissimo em theologia moral, nem todas as suas opiniões se podem seguir seguramente: sobre algumas ha resoluções em contrario. Mas isto se deve dizer de todo e qualquer escriptor, por mais competente que seja.

CVI

P. Diogo de Areda

Este conspicuo orador evangelico. para o seu tempo, nasceu na villa de Arraiolos, no Alemtejo, no anno de 1568. Entre os grandes homens que tem produzido aquella terra, occupa não infimo logar o jesuita Diogo de Areda.

Entrou na Companhia de Jesus, na idade de 16 annos, sendo alli conhecido como um religioso exemplarissimo, humilde e modesto.

Foi professor de philosophia em Lisboa, e no Collegio de Coimbra ensinou theologia por espaço de 10 annos. Era assiduo no estudo da Escriptura Sagrada e dos Santos Padres.

Dedicou-se com especialidade ao ministerio do pulpito, conseguindo fama de grande orador; como tal é mencionado por João Baptista de Castro no *Mappa de Portugal*.

Morreu o P. Diogo de Areda em 12 de dezembro de 1641, deixando uma collecção de sermões muito estimada.

(Continua).

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

Futuro!

«De futuris solus Deus!» Pela sua bocca divina ou pela bocca dos seus Prophetas nos tem o Todo-Poderoso feito conhecer *cousas futuras!* Nós-ho-

mens podemos só pela razão, e mais quando illuminada pela Fé, pôr principios e deduzir d'estes as consequencias, ou applicar a logica aquillo que vemos e depois predizer de algum modo. E' assim que encaramos o *futuro da Sociedade actual*. Os principios eternos são inabalaveis, e assim não ha theorias e forças humanas que os possam abalar. Se a *provã de facto* fôra mister, ahi está a Historia desde os nossos primeiros paes até hoje a constatar-o. Aquelles principios dimanam de Deus, e assim eternos como o mesmo Deus; são elles a base e o guia da Religião e da sociedade, e por isto os unicos susceptiveis de nos assegurar o bem espirital e temporal, a feicidade no tempo e na eternidade. A *sociedade actual* está *athéa*, e esta verdadeira asserção é bastante para dizer como a *sociedade* está *miserrima!* Sem propheta é a logica que apresenta o *dilemma*; ou *esta sociedade* diz *peccavi*, ou *ella* morre por um *cataclysmo*, embora não seja um segundo *diluvio universal*; a menos que não estajamos já aproxima dos dos *ultimos dias!* Desapparecida a *sociedade moderna* não implica que desapareçam todos os homens, pois que muitos d'estes não estão *com ella*, e ainda a combatem; estão sim de veras com e na Igreja de Deus; o Todo-Potente tudo sabe, tudo conhece e tudo vê, e assim distingue entre *justos* e *não justos*, e a ninguem nega o *pago* já que Sua Bondade Infinita «O» faz constituir-Se Devedor segundo Sua Sapientissima Economia. Como tambem não deixa de applicar o castigo ao peccador impenitente. A *Sociedade do Modernismo* está fundada e vive por uma rebellião aggravada e aggravando-se contra os Principios Eternos, e se o *Seu presente* atormenta, o *seu futuro* aterra!

Pelos *principios do Modernismo* os individuos gravemente se desconceituam, as familias se turbam com gravidade, e com umas parcelas assim, como mui geralmente se dam, só pôde dar-se, como se dá, e progredir a *Sociedade de lastima* que se evidencia. Se a mãe é tal, que tal será a filha no futuro? Será um *qbyssmo* ou outro ainda maior! Uma *Sociedade*, na qual o *Principio de Auctoridade* é batido em brecha, mas sem que se lhe possa fazer brecha, e em que é *principio fundamental* o ser cada um fonte ou origem de *auctoridade*; uma *Sociedade* tal não passa de ser *hedionda monstruosidade*, só capaz de produzir *monstros*; serão estes os seus *futuros homens*, se *ella* passar ao futuro. Aqui está (não dizemos Propheta) um seguro prognostico; *dabit, quod habet*. O *Modernismo* avança-se a todos os *Erros* pois que em todos *estes* ha pelo menos

um *quantum* de reconhecimento á origem superior da *Auctoridade*, e não derivando-a do *proprio individuo humano*. *Omnis potestas a Deo!* diz a *Sentença Infallivel*, e *Monsieur l'Esprit moderne* allirma que a *auctoridade do homem* ou *n'este investido vem do homem-elle*; e depois continua afirmando, que todas as auctoridades temporaes, de alto a baixo, exercem poder, porem este delegado de *elle-homem* como a fonte ou origem da Auctoridade. Esta falsa theoria foi posta em campo, e material e materialistamente sustentada, formou o *Modernismo*, o qual produziu a *Sociedade moderna* com um *presente* de chóros, annunciador de um *futuro* de lagrimas! Sanguineas sam já estas, sanguinosas serão ellas *depois!* *Tremenda temporal!!!* Absentada cada vez mais de Deus a *Sociedade*, os homens de *esta* virão a roer as entranhas das proprias mães, horror este em seguimento dos maus tractos com que *hoje* já se vê os maus filhos tractarem os pais e até ao assassinio! A Logica é sempre Logica; no *bem* os principios e as consequencias sam *de bem*; no mal os principios e consequencias sam *de mal*. O *Modernismo* não é da *pelle* é sim das *entranhas* do Diabo, e excede em pertinacia a outras *theorias erradas*; notam-se muitas *conversões* à *Inteira Verdade* de pessoas vindas do *Schisma*, do *Protestantismo*, do *Mussulmanismo*, do *Gentilismo*, de todas as *observações* da Verdade, porem do *Modernismo* sam raras e não porque *n'este* sejam profundas as convicções, mas sim por isso que *n'elle* abundam mais as ruins paixões pelas cousas *da Terra*; sendo assim *agora*, o que será *no futuro!* O *Braço de Deus* é *Forte*, e Só Este pode fazer vinda *outra Sociedade*, e de Este Modo um *futuro* prospero ou uma *Sociedade* modelada nos Principios Eternos, não obstante o *peccado* tenha feito desaparecer para sempre o *Paraiso Terrestre!*

Dom Antonio de Almeida.

Brazil

UMA rebellião produziu o Imperio brasileiro, outra rebellião o fez desaparecer. Sam dous factos que pessoa alguma intentará negar. E' na Justiça que se fundam os reinos: *Justitia regnorum fundamentum!* *Sentença*, que está a cima da alçada dos homens, e na qual o *regnorum* significa reinos e imperios. Adoremos o *Digitus Dei!*

Quanto á Historia do Imperio brasileiro, temos a dizer que *ella* é curta, e não intentamos fazel-a ou narra-la

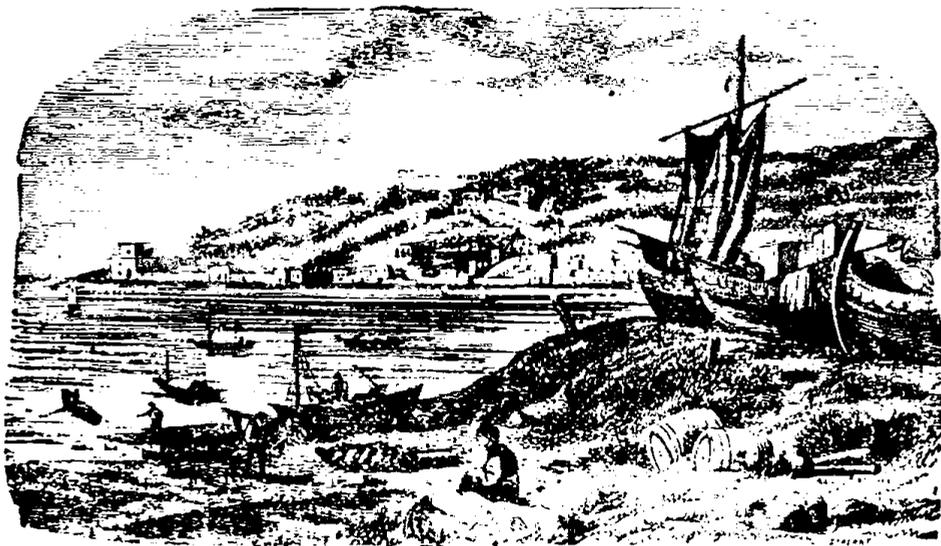
n'estas linhas. O que nos importa n'este escripto dizer um pouco menos restrictamente é de novo chamar a attenção para os effeitos dos *principios* ou *theorias* dissolventes, que estão pondo tantos homens á beira do *abysmo* e assim acarretando para *este* as *Nações*; e quantos *d'aquelles* estaram já *precipitados*? como algumas *d'estas* fortemente são impellidas para a mesma desgraça?!!!

O tempo, embora tempo, carece dos principios eternos para que se não torne *tempestade*; esta verdade é desattendida, é despresada pelo *Modernismo*,

mos *como serd*; pouco mais que *a priori* não deixa de inquietar uma grave consideração: é *Republica moderna*, e as *Republicas modernas* não têm feito a ventura dos povos a que têm sido mais ou menos impostas; e no Brazil, como n'outros paizes, a *maçonaria* não está *envenenavam*. Dêmos com os olhos n'um escripto no qual se dizia: «o Imperio do Brazil tinha e gozava de todas as *liberdades!*» Esta asserção continha ignorancia, ou mentira, pois que a *lei civil* não permitia que uns tantos ho-

pois ministro em S. Petersburgo, e com o titulo de Barão de Alhandra, ou Visconde. O governo do Rio de Janeiro tinha a consciencia da necessidade dos Frades, reconhecia os serviços de estes missionarios, mas *submettia-se* ao lamentavel *Modernismo!* mas nem por isto damos palmas á *republica* infante, e esperemos sua conducta com respeito ao modo como respeita as *Sãs Liberdades*.

N'este século muitos Principes têm descido, contra sua vontade, dos seus *thronos*; e quantos d'elles por seu pro-



NAPLES

e *ecce* patentemente manifestada toda essa horrorosa confusão, em que está envolvida a *sociedade*; confusão, que o *Modernismo* busca encobrir em suas *artes diabolizadas* ou mesmo *diabolicas*, e com que só consegue illudir *cegos* ou *myopes*. A *Magna Questão* não é de *formas* mas sim de *principios*; porém os homens *hodiernos* desattendem estes para só se attendem áquellas, indo de contrario á Prudencia e á Justiça. Com relação a Governos de povos, o Pontífice-Soberano tanto manda seus Nuncios ás capitães-monarchicas como ás capitães-republicanas; o que só exige Sua Santidade Soberana, é que os governos monarchicos ou republicanos reconheçam e respeitem a Justiça! A nova Republica brasileira está apenas apparecida, e por isto ainda não sabe-

mens vivessem em commum e segundo os *Votos* de sua consciencia catholica. Indo desaparecendo lá os conventos masculinos, como em Portugal têm desaparecido e vão desaparecendo os claustros femininos; e ao mesmo tempo o governo imperial brasileiro pedia ao Reverendo Padre Geral dos Frades *Capuchinhos* que lhe desse, para *missionar* no Imperio, dos *seus Frades*; em Roma disse-me o Ministro de aquelle Imperio americano junto do Pontífice Soberano, que só de uma vez, por seu intermedio, o seu governo tinha pedido áquelle Reverendo Padre Geral 60 *Frades Capuchinhos*, e que só tinha podido obter 18, por não haver então pessoal disponível para maior numero; da boca do Ex.^{mo} Sr. *Ministro* Figueiredo assim o ouvi. Este diplomatico foi de-

prio concurso, embora não querendol Um soberano *democrata* (o que não significa *amigo do seu povo*) ou a *democratizar-se*, é uma lenta e ignobil abdicção, ou um calculo sem philosophia nem experiencia.

Em quanto ao *povo* se chamou *povo*, este respeitou seus superiores e assim se não prestava a *destronar*; desde que se lhe chamou e chama *Democracia*, e lhe foi mettida na cabeça a *Democracia*, eil-o prompto a fazer mais depressa o que certos soberanos preparam lentamente e por uma especie de *vagaroso Suicidio*. «Quem semeia, ou *deixa semear* ventos, colhe *tempestades*.» Esta lição desceu e desce do Céu!

Certos monarchas, com o medo de passarem por *clericaes*, e com ciúme,

ou desconhecendo a importancia da *Aristocracia*, fazem zombaias, ou mais do que isto, à *Democracia*, que ha um seculo para cá tem como artigo de programma enforçar o ultimo dos padres com as tripas do ultimo fidalgo, e por este modo deitar em terra os *thronos*; os certos monarchas vão indo com a *Democracia* e assim alimentando e reforçando a *bixa*, cuja *mordedura* lhes tem sido e ha-de ser *de morte*. Reptimos: a *Democracia* não é o povo! Napoleão III lisongeou a *Democracia*; deu-lhe de modo indirecto e directo milhões e milhões a ganhar por milhares de trabalhos diversos; instituiu-lhe amplos para a velhice e incapacidade de trabalho; intentou e decretou um meio para accomodar as *grôves* (sem resultado obtido); caracterizou-se de *Imperador democratista*, e com tudo isto não ganhou a si a *Democracia*, que tudo lhe recebeu a beneficio de inventario ficando *na sua*. Se Napoleão não fôra vencido em Sedan, teria sido *destroado* pela *Democracia*. «Altos Juizos de Deos! O ultimo *Senatus consulto* de Napoleão III foi ainda *passo* do agrado da *Democracia*, mas que o fez caminhar tambem para ser vencido e prisioneiro em Sedan; e reptimos: Altos Juizos de Deus!» O Todo-Poderoso tudo manda e *permite* para *Convergencia dos Seus Fins!*

Que o *Brazil* arrange lá os seus *negocios*, o que nos importa é que haja lá um Estado verdadeiramente christão. Em *these*, porque devemos nós ser republicanos? para nós a Republica não vale mais que a monarchia; em *hypothese* antes uma Republica Catholica por *baptismo* e obras, que uma monarchia que não respeite integralmente os Direitos de Deus e assim as *Liberdades* e *immunidades* da Igreja de Jesus Christo. Este sentir e este dizer é «com a Divina Graça!» o de uma lingua, e penna catholica e portugueza. As *mesclas* da Covilhã têm valor como *tecidos*; em principios as *mesclas* estão condemnadas pelo Deos Redemptor, que disse: *Quem não é commigo contra mim é!* E tambem o mesmo Senhor afirmou: *Nemo potest duobus dominis servire!*

Dom Antonio de Almeida.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Os Esplendores da Fé

 IMPORTANTE casa editora portuense do snr. Antonio Dourado, já bem conhecida e conceituada pela publicação de obras religiosas tão apreciadas como a *Biblia Popular Illustrada*, o *Anno Christão* e os *Exercícios*

de *Perfeição e Virtudes Christãs*, acaba de metter hombros a uma arrojada empreza, qual a da edição portugueza d'outra obra monumental, os *Esplendores da Fé* do rev.º Padre Moigno.

«Arrojada empreza» escrevemos, e não desdizemos a expressão, porquanto, conhecendo quam restricta à a área do mercado litterario portuguez, entendemos que é necessario grande arrojado, decidida força de vontade, para emprehender entre nós uma publicação de tamanho tomo. Confiamos, porem, que o benemerito editor verá coroados os seus herculeos esforços, auxiliado porquantos em Portugal teem a peito a causa da religião e da verdadeira sciencia.

Porque os *Esplendores da Fé* não são, como alguém poderia crer, uma obra exclusivamente religiosa, o que já não seria pouco, mas ao mesmo tempo scientifica, por isso que o seu sabio auctor se propõe n'ella—e consegue o plenamente—mostrar o perfeito accordo da Revelação e da sciencia, da Fé e da razão.

Já n'esta revista tivemos occasião de fallar do Padre Moigno e da sua grande obra: aquelle, não ha muito fallecido, occupou um logar proeminente entre os sabios do mundo, e esta é o fructo d'uma vida inteira de estudo, illuminado pela luz fulgentissima da fé. Quantos trabalhos, quantas vigílias fossem necessarias para erguer esse admiravel monumento, dil-o o auctor nas seguintes phrases: «Depois de trinta annos empregados em adquirir o cabedal de sciencia necessario, e em reunir os materiaes do edificio que tinha a construir, podia esperar que o levaria em tres ou quatro annos; onze porem já lá vão, e acabo apenas de concluir.» E n'esse contacto quotidiano com a sciencia, ou antes n'esse estudo profundo das sciencias, qual foi a conclusão firme e incontroversa obtida pelo Padre Moigno? Dil-o elle n'outra parte da sua obra eminente: «O estudo das sciencias tem-me levado apoz de si a vida! E minha fé é tam viva, como nos dias calmos de minha juventude bretã. Estou nos casos de demonstrar até a evidencia que não ha na sciencia mais avançada nenhum factio, nenhuma theoria verdadeira em opposição com a fé christã e catholica.»

Da traducção dos *Esplendores da Fé*, incumbida à experimentada penna do rev.º snr. Padre Francisco Manuel Vaz, e auctorizada, approvada e recommendada por uma honrosa provisào do ex.º e rev.º snr. Cardeal-Bispo do Porto, acha se publicado o 1.º volume, que tracta particularmente da fé. Depois da affectuosa carta de S. Santidade Leão XIII ao auctor, louvando altamente a sua *sabia e laboriosa producção*, veio

a provisào do em.º e rev.º snr. D. Americo dar à traducção a maior auctoridade que podem desejar leitores catholicos.

E' de esperar, pois, que esta obra tenha em Portugal, proporcionalmente, o grande exito que teve em França; deve tel-o, porque hoje mais que nunca é mister que todo o homem de crengas esteja habilitado a defender a sua fé, em todas as partes tanto e tam rudemente atacada em nome da sciencia. E se isto, em geral, é uma necessidade para todos os catholicos, é o mui particularmente para o clero, ao qual d'um modo especial incumbe o dever de defender e propagar a boa e sã doutrina; e cremos que difficilmente se encontrará arsenal tam amplo e tam provido de armas de rija e fina tempera como os *Esplendores da Fé*.

Felizmente, comprehendendo-se bem a difficuldade e gravidade da epocha, os nossos seminarios e a faculdade de theologia da nossa universidade fazem lousaveis esforços para dar à Egreja lusitana sacerdotes illustrados e virtuosos, capazes de arcar victoriosamente com os sophismas do erro e da impiedade. Affigura-se-nos portanto que, já para os aspirantes ao elevado ministerio ecclesiastico, a momentosa obra do Padre Moigno será da maxima utilidade e conveniencia, pois lhes subministrará, a par d'uma solida e profunda instrucção, todos os elementos necessarios para sahirem triumphantes das futuras pugnas que terão de travar.

A alguém temos ouvido estranhar a *carestia* da obra em portuguez; mas ignora-se que os cinco volumes do original custam 40 francos ou uns 8\$000 reis da nossa moeda, e não se attende a que em França se escreve não só para França, mercado litterario extensissimo, senão tambem para todo o mundo que lê. De mais, não se tracta d'uma simples producção de phantasia, ou d'um trabalho ligeiro, mas d'uma obra de alta sciencia, o que é coisa mui differente.

Entendemos por conseguinte que, tendo em consideração a pequenez do nosso mercado litterario e o enorme sacrificio que se impoz o benemerito editor portuguez, não haverá verdadeiro catholico que se recuse a coadjuval-o para que leve por diante o seu arrojado emprehendimento. No meio d'esse diluvio de publicações, pela maior parte futeis e até damnosas, que inundam Portugal, não são tantas as religiosas, e principalmente do follego dos *Esplendores da Fé*, que as pessoas que bem crêem e bem sentem hajam de regatear alguns tostões a uma obra de tam elevado merecimento.

N'esta grata persuasão, damos os parabens ao laborioso traductor e ao energico editor portuguez, e não me nos aos homens de boa vontade que os auxiliarem com os meios á sua disposição, e que se hão de convencer de que não perderam o seu dinheiro nem o tempo que gastarem na leitura dos *Esplendores da Fé*.

A. Moreira Bello.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Venite. adoremus

(Vid. p. 45)

A descripção d'esta gravura encontra-se na secção religiosa.

Napoles

(Vid. p. 51)

Quem ha que não tenha ouvido falar d'estas paragens encantadoras do sul da Italia, onde o philosopho se assenta a meditar sobre as ruinas de Strabia, Pompeia e Herculanium; onde o sabio se absorve no exame constante d'esse abysmo ignivomo chamado o Vesuvio, e onde o *touriste* se perde na contemplação dos encantos paradisiacos, prodigamente disseminados pela mão de Deus nos contornos da perola do Mediterraneo,—em Capri, Procida, Ischia, Gaeta, Pausilippo, Pozzuoli, Baia, Portici, Torre del Greco, Castellamare e Sorrento?

«Sob nossos olhos—diz um dos nossos mais opulentos escriptores—a cásaria immensa de Napoles, alveja, como uma rocha alabastrina levemente mesclada de sombras, que lhe realçam os recortes angulosos, e estende-se symmetricamente no vasto recosto da bahia. Esta, d'um celeste quasi indescriptivel, sensível ao menor cambiante de luz e ao mais leve movimento do ar, ora se escurece em verde profundo, como imensa esmeralda, ora se aclara em branco perola, jaspeado de rosa, como gigantesca opala.

«Nunca olhos humanos poderam ver natureza de mais brilhantes harmonias e de mais pronunciados contrastes.

«O viajante portuguez tem cidades no seu paiz, que na claridade do céu, na abundancia da luz, na formosura das campinas, no genio dos habitantes e até no primor dos monumentos, podem competir com as mais elegantes e ricas cidades italianas. Como lá, tambem aqui se vestem de anil os nossos céos, de prata os nossos rios, de ouro os nossos laranjaes. Como lá, tambem teem flores e aromas os nossos pra-

dos, verdura e sombra os nossos montes, magestade e poesia os nossos mares. Como lá, tambem aqui são estreladas as nossas noites, fulgurantes os nossos dias, limpidos os nossos arreboes, purpurinos os nossos crepusculos, dulcissimas e tepidas as nossas auras. Pois, ainda assim, surprehende e fascina o panorama de Napoles.»

Grato nos fôra conduzir o leitor a contemplar as ruinas de Capri, tão celebres pelas torpezas de Tiberio, e o tumulo de Virgilio, no cume de Pausilippo. Puderamos falar-lhes de Plinio e da terrivel erupção de 73, que sotterrou de repente cidades inteiras, cujas escavações recentes nos vieram relatar o poder, a industria, os costumes, a vida emfim d'esse grande povo, cujo nome avulta entre os demais povos da terra. Puderamos ainda levar-o a admirar os varios palacios que enfeitam a donairoza cidade: o dos vice reis, obra de Domenico Fontane; o palacio real de Capodimonte, onde veraneavam os reis de Napoles; em summa, os de Cesarano, Avalis, Angri, Sant'Angelo e Bisignano. Não seria pouco o tempo que lhes tomaramos se os embrenhassemos no museu, um dos mais notaveis, se não o mais notavel do mundo, tão rico de telas preciosas, estatuas sem conta, raridades immensas trazidas de Herculanium e Pompeia. Havia ainda que examinar a bibliotheca com 200 mil volumes; as fortalezas de Sant'Elmo, del Carmine, Pizzo Falcone, do Ovo, etc. Mas os nossos leitores, piedosamente christãos, exigem-nos com razão os guemos de preferencia aos grandes monumentos de fé que enaltecem a gentil Parthenope.

(Obedeçamos pois aos desejos dos leitores.)

De primeiro chama-nos a attenção a cathedral, onde as reliquias de S. Januario, padroeiro da cidade, são objecto de profunda veneração dos fleis. Nas grandes calamidades publicas, como nas erupções do Vesuvio e ha pouco tempo na invasão do cholera, são estas reliquias levadas em procissão, sendo grande a fé com que a ellas recorrem os napolitanos. N'esta igreja conservam-se a cabeça do Sancto e dois relicarios com o sangue d'este martyr da Igreja. Quando a cabeça é aproximada d'um ou d'ambos os relicarios do sangue, tem-se realisado sempre o milagre de liquefacção d'este seguida d'uma ebulição. Este milagre effectua-se principalmente em 19 de setembro, festa do Sancto. Distingue-se ainda a cathedral pelos tumulos de Innocencio IV, Innocencio XII, do rei André, e por magnificas incrustações de varios marmores, d'uma execução realmente primorosa. A igreja de S. Domingos distingue-se por frescos

admiraveis, obra de Angelo Franco, o Giotto napolitano, pelos famosos sarcophagos dos principes da casa de Aragão, collocados na sacristia, e pela capella do Crucifixo, aquelle mesmo prodigioso Crucifixo, que, falando, disse ao grande Sancto Thomaz d'Aquino: *Bem escreveste em minha defesa; que recompensa desejas?* Ao que o Sancto respondeu: *Nada, senão a Vós, Senhor!* Os frades, moradores do convento, mostram com piedoso contentamento aquella mesma cella, sombria e estreita, habitada pelo Sancto nos quinze mezes em que foi aqui professor de theologia, bem como a campainha com que elle costumava chamar para a aula os escolares. Na igreja de Sancta Clara surprehendem nos as pinturas, os marmores, o oiro, as sepulturas das familias d'Anjou e Bourbon e mais que tudo a da veneravel rainha Christina, da casa de Saboya, fallecida em odor de sanctidade.

S. Francisco de Paula, S. Paulo, Gesù Nuovo, são templos magestosos pelo delineamento nobre de sua architectura e pelas piedosas recordações que a elles nos ligam. O primeiro lembra-nos o apostolo da Calabria, cujos vestigios se conservam, desde 1482, da visita feita a este bairro então notavel por sua pobreza e hoje occupado pelos mais sumptuosos edificios. S. Paulo encerra o corpo de S. Caetano, fundador dos theatinos, e o de Sancto André Avelino, advogado contra as mortes repentinas, fallecido em 1608, quando ao principiar a Missa, proferia as palavras do psalmo: *Introibo ad altare Dei*.

Abundam pois n'esta notavel cidade, cuja origem se perde nas sombras dos tempos heroicos, elementos copiosos para aturado estudo dos eruditos, entretenimento aprazivel dos curiosos e edificação salutar das almas crentes.

M. F.

SECÇÃO LITTERARIA

Natus est Jesus

I

Para mim tem mago encanto
santa noite do Natal;
noite, que me inspira um canto,
noite, que não tem rival;
amada da Christandade,
festejada na cidade
e desde a mais pobre herdade
'the ao palacio real.

Oh! que noite de magia,
de formosas tradições,
de festejos e alegria
desde antigas gerações!

—Os velhos juncto á lareira,
aquecendo-se á fogueira,
rezam co'a familia inteira
ao Deus-menino orações!—

O cepo, á tarde cortado,
está na fogueira a arder,
e depois muito guardado
em todo o anno ha de ser
a segurança e o abrigo,
qual d'um protector amigo,
se dos raios o perigo
nos fizer estremecer!!!

Uns, as violas tangendo,
alegres vão a cantar!
Outros, ao templo correndo,
vão orações entoar!
Alguns offertas preparam,
com respeito ajoelharam
e com respeito as deixaram
aos pés de Christo no altar!

II

Meia noite!... O culto velho
vãe acabar ante a Cruz,
por que das leis do Evangelho
vãe raiar a santa luz!
—Vão cumprir-se as prophcias,
como predisse Isaias!—
E' já nascido o Messias!...
Gloria a Deus!... Gloria a Jesus!

Gloria a Deus!—Entoa o sino—!
Gloria a Deus, ante esse altar!
Na missa do *Deus-Menino*
o véu se vái levantar!
Entoam gloria os cantores
e, ornado de muitas flores,
do puro incenso entre odores
vê-se o *Presepio* brilhar!

Vamos o Deus humanado
adorar com devoção!
Jesus Christo recém-nado
saudemos do coração!
—Humildes seus pés beijemos!
Alegres ajoelhemos
e um hymno aos céus entoemos
ante o sol da Redempção!—

Tambem offertas daria
n'esta noite ao Redemptor;
ao templo lh'as levaria
com respeito e com amor.
—Mas sou pobre, Deus-menino,
e a ti, monarcha divino,
só poderá nm pobre hymno
entoar o trovador!—

III

Oh! Salve, Divino Infante!
Salve, formoso Jesus!
Como um fulgido diamante
a tua fronte reluz!
Vens ensinar a doutrina

da lei tão santa e divina,
que o caminho nos ensina
do santo reino da luz!

Tu deixaste a magestade
e o reino celestial,
para nascer na humildade
e em estação hybernal!
—Tens teu corpo tão nuzinho!
N'um *presepio* humildesinho
és, n'este pobre bercinho,
Rei, sem cortejo real!

Os anjos lá cantam «Gloria»,
nas alturas, ao Senhor!—
—Nós entoamos «Victoria»
contra o infernal traidor,
que se morde lá no inferno,
por que vê, que o Ser Eterno,
por nós com amor tão terno,
vem ser nosso Redemptor!

Oh! Salve, noite de festa
em todo o orbe christão,
que esta noite nos attesta
começo da Redempção!
Amada com crença pura,
pois, lá da celeste altura,
desceu, por nossa ventura,
o Auctor da criação.

Aveiro

Rangel de Quadros.

RETROSPECTO

Aos leitores do «Progresso Catholico»

BOAS FESTAS

Livro d'oiro do Sagrado Coração.—
No mez de junho ultimo os devotos de
Nossa Senhora de Lourdes uniram seus
nomes para, em testemunho de sua
consagração ao divino Coração de Je-
sus, serem depositos no Sanctuario de
Montmartre. Quasi oitenta mil assigna-
turas foram inscriptas no livro d'oiro!
E' um grosso volume in-4.º, de folhas
douradas, ricamente encadernado em
chagrin azul. As paginas com a dedi-
cação e o acto de consagração, hon-
ram, pelas illustrações que as acompa-
nham, a seu auctor o snr. Conde d'An-
selme de Puisaye, e no que toca á ar-
te typographica, revelam grande meri-
to nos artistas da typographia da
Grutta.

O R. Padre Voirin, reitor da *Egreja
do Voto nacional*, ao receber o famoso
volume, exclamou: «E' para nós grande
honra conservar em nossos archivos
todos os nomes enviados debaixo da
protecção da Virgem Immaculada, os

quaes devem achar no Sagrado Cora-
ção de Jesus um logar extremamente
privilegiado.»

Sabendo que o livro d'oiro contem
muitos nomes portuguezes, damos, cheio
de consolação, esta grata noticia aos
nossos leitores.

Bellezas republicanas.—D'um órgão
inimigo dos thronos (e dos altares) ex-
tractamos o seguinte:

«Os *conservadores* e os proprios ca-
maristas do imperador foram os pri-
meiros a passar para a republica, e a
nação fraternisou e abraçou com deli-
rio a nova forma de governo, tendo-se
dado nas ultimas eleições, realisadas
este anno, o facto do partido republi-
cano conseguir levar só ao parlamento
um deputado.»

Não podem passar sem protesto as
palavras do oraculo republicueiro, na
affirmação que faz de ter a *nação fra-
ternisado e abraçado com delirio a no-
va forma de governo*. Proposições d'est-
tas, enunciadas sem provas sufficien-
tes, manifestam ao pino do meio dia a
má fé ou pelo menos a precipitação com
que se escrevem. Quando foi que o po-
vo n'este ponto deu a conhecer sua
vontade pró ou contra a nova ordem
de coisas?

De que meio se valeu o gazeteiro
para, em Lisboa, saber tão de prompto
que o povo, a maioria, ao menos, do
grande povo brasileiro, era adversa á
monarchia e morria de amores pela re-
publica? Ou aqui anda spiritismo ou es-
te notavel erudito, pela destreza com
que engendra deducções, assignou ma-
tricula na classe d'aquelles malaventu-
rados sophistas a que Monsenhor Gau-
me chama a ruina d'um povo.

A vontade nacional, se d'algum mo-
do se evidenciou (que não temos fé
n'estas manifestações de vontades na-
cionaes) foi por certo nas derradeiras
eleições, d'onde o republicanismo, se-
gundo a propria confissão do gazetei-
ro, saiu tão mal ferido. Não é pois si-
milhante theoria que nos ha de expli-
car o phenomeno da revolução bрази-
leira.

Por vezes temos apontado outras cau-
sas, confirmadas n'um artigo da secção
critica d'este n.º, e reconfirmadas re-
centemente pelas *Études Réligieuses*, do
corrente mez.

«Qual é a causa—diz a citada Revis-
ta—d'esta revolução realisada com uma
espantosa facilidade? D. Pedro é um
principe clemente, liberal, amigo da
sciencia e do progresso, e estremecido
de seu povo. Censuram-no por dar-se
às lettras e ás viagens mais do que
convem ao soberano d'uma grande na-
ção. No emtanto, um monarcha consti-
tucional, que *reina e não governa*, po-

dia de peor modo gastar suas horas d'ocio. O seu maior erro foi porém ter deixado que a maçonaria se desenvolvesse tão livremente em seus estados, cobrindo os de tão espessa rede. 390 centros são os que se contam n'aquelle imperio.

A encyclica do Sancto Padre Leão XIII contra as sociedades secretas, não podendo obter o *placet*, jámais chegou a promulgar-se no Brazil. Tão larga redea soltou o imperador a todas as reformas democraticas, que as instituições do imperio não divergiam das de uma republica: era portanto inevitavel uma mudança de regimen, mas o para que a gente não estava prevenida era que viesse tão improvisamente. Contava-se ao menos se esperasse pela morte do imperante.»

Com a opinião das *Études* combina rigorosamente o rumo que no Brazil está seguindo a nau do Estado. A proclamação do general Deodoro da Fonseca não se lembrou de empregar a palavra *Deus*. E' entidade que não entra para coisa nenhuma no regimen politico; mas para que não surgissem duvidas sobre a intenção dos revoltosos, não se contentaram com esta manifestação *tacita*, quizeram-na *expressa*, e para isso, nas correspondencias officiaes, em vez das venerandas palavras *Deus guarde*, dir-se-á *Saude e fraternidade*. E' o *Vale*; tu nos fac ames do paganismo. Para afinar com Deodoro, Benjamim Constant é um positivista da eschola d'Augusto Comte, Ruy Barbosa um guerrilha desde a infancia contra o clericalismo, Quintino Bocayuva um comparsa de Saldanha Marinho, etc., etc.

A paz, a ordem, a Igreja, os interesses reaes do povo brasileiro, teem muito que recear do movimento iniciado em 15 de novembro.

Ainda republicanismo.—A opinião do grave risco de se verem em breve as raças latinas sujeitas ao regimen republicano, não é utopia nossa. Os jornaes republicanos de Pariz affirmam alto e bom som, que o movimento do Brazil é apenas um episodio d'uma sublevação geral contra os governos monarchicos em Hespanha, Portugal e Italia. De Pariz, centro d'este movimento, hão sido expedidos agentes para varias partes, cujo quartel general é em Madrid, Porto e Milão. Na capital de Hespanha devia principiar a revolta; mas a rainha, avisada a tempo, conseguiu sustar por enquanto a explosão projectada. «Isto porém—affirma a *Unità*, de Turim—não é mais que um addiamento, talvez de curto intervallo.»

O mesmo jornal extremenho de que acima falamos accrescenta ainda:

«Assim acontecerá amanhã em Portugal quando o povo atirar para longe com a albarda. Estes conservadores d'barriga, estes cortezãos que... (*não trasladamos por amor da d'cencia*) serão os primeiros a abraçar a causa da democracia, allegando terem sido sempre republicanos, mas que por conveniencias de *familia* não se declaravam.»

Corollarios: 1.º A maçonaria, dominadora da politica, impelle as nações ás formas republicanas, porque de facto é n'essas formas que mais facilmente pôde atingir o seu *desideratum*—a substituição do christianismo pelo naturalismo ou neopaganismo; 2.º Não nos temamos das republicas como republicas: temamo nos d'ellas como eu thronisamentos da maçonaria. Não nos intimida a pelle do cordeiro mas assusta nos devéras o lobo que a veste.

Eschola colonial de Cintra.—Em 8 d'abril do anno findo transpunhamos pela primeira vez o limiar da Quinta de Baixo, para abraçar o nosso amigo Padre Rooney, irlandez de lei, a quem fomos encontrar rodeado de homens e ruinas—homens que lhe obedeciam a rir, trabalhadores sem indolencia, dedicados, affectuosos, promptos para tudo o que fosse bom, embora realizado através de sacrificios;—ruinas, que elle removia, para em breve restaurar, sem bem saber d'onde lhe viriam os recursos. Oh! se então nos pudermos transformar em ouro, depor-nos-iamos gostosamente nas mãos do arrojado sacerdote, certo que estavamos em boas mãos.

«Para quê, porém, aquelle afan da Quinta de Baixo» nos perguntarão muitos leitores? Eu lhes digo: aquelle animoso padre, valentemente auxiliado por outros heroicamente dedicados, lida em prol da nossa Africa, anceando levar-lhe a civilisação de que é digna por meio de obreiros edoneos. Os companheiros d'elle são obreiros d'esta laia.

Como Colombo, mendigou por muito tempo auxilio para tão arrojada empresa, e viu coroada felizmente a fé que o animava. O governo de S. Magestade, elevando aquella casa á categoria de *Instituição auxiliar do real padroado*, concedeu lhe por este anno o subsidio extraordinario de cinco contos e nos annos seguintes o subsidio annual de tres contos, como consta do decreto de 14 de novembro findo.

A Inglaterra, não contente com as continuadas delapidações feitas em nossas colonias, intenta secundar as provas de nossa *fiel alliada* em nova tomada

na região do Zambeze. A resposta dada pelo sr. Barros Gomes a Lord Salisbury é um titulo de honra para o governo portuguez, a resposta dada pelo sr. Ressano Garcia não o é menos e contém resultados de muito mais segura efficacia.

Boa esposa e bom marido.—A cidade de Monaco, gracioso ninho d'aguia sobre uma rocha alcantilada do Mediterraneo, era desde ha muito o valhacouto de todos os jogadores do mundo, que alli affluíam como aves de arribação, para empobrecerem se e suicidarem-se.

Depois que a Inglaterra prohibiu o jogo em 1853 e a Allemanha em 1873, os *habitués* de Spa, Baden Baden e Wiesbaden, mudaram o domicilio para a pequenina cidade italiana. Parece que outra vez porém terá de levantar vdo aquelle bando de corvos, indo construir ninho n'outras paragens. A actual princeza, segundo participam ao *XIX.º Sidcle*, obtivera de seu marido ordem para mandar fechar o notavel *casino*, apenas se dê mais algum suicidio. Como a princesa é muito piedosa e muito rica, podendo prover ás despesas do estado sem utilizar o rendimento do estabelecimento do jogo, nenhuma surpresa causou esta medida, é e de crer não se demore em pôr-se em vigor, vista a frequencia de suicidios que alli ha.

Oxalá não mude aquella praga para Portugal!

Castigo de Deus.—Lembram-se por certo os leitores do iniquo art. 7.º da lei Ferry, discutido e regeitado no Senado, como contrario á liberdade individual, á liberdade de consciencia e do ensino? Lembram-se como valendo-se então o governo de leis inventadas, conculcou com um despotismo de Nero os protestos de milhares de paes de familias, de milhares de juriconsultos e magistrados, mandando expulsar de suas casas a cidadãos pacíficos, a quem a humanidade e a França sobretudo eram devedoras de assignalados beneficios? João Tet, commisario da policia em Avinhão, verdugo d'aquella execução vergonhosa n'esta cidade, e premiado de sua familia com o posto de commissario central de Rouen, foi accommettido ha pouco d'um ataque de loucura furiosa; prendeu seus subordinados n'um gabinete e ameaçava-os de sabre em punho, havendo séria difficuldade em prendel-o. Logrando ainda fugir, foi na tarde d'esse dia encontrado n'um despenhadeiro com um braço partido.

Ninguém foge á justiça de Deus!

Protecção d' imprensa catholica.—E' de um dos mais notaveis escriptores chilenos o que em seguida transcrevemos, e que tambem póde entre nós ser applicado:

«Dá-se um facto que envergonha e entristece—o facto de que não falta entre os catholicos quem não sómente recusa sua protecção ás folhas catholicas, mas que, por uma cegueira incomprehensivel contribue com o seu dinheiro e sua influencia para auxilio e diffusão das folhas livres e ostensivamente hostis á Egreja.

Que nome se hade dar ao que em tempo de guerra presta auxilio e protecção aos inimigos da patria? Esse seria um traidor. E acaso as leis da lealdade e da honra só deixam de ter vigor com a Egreja, esta nobre e sancta patria das almas? Ila catholicos que deploram com amargura os progressos da impiedade; e sem embargo muitos d'elles tem auxiliado com seu dinheiro as armas com que a impiedade ha realisado as conquistas no terreno dos principios.

A imprensa catholica seria uma potencia, se todos os homens que se dizem catholicos, lhe prestassem a protecção que dispensam á imprensa hostil ás crencas.

E' occasião de reunir todas as nossas forças, e em presença dos progressos do mal condemnavel, iniciar a sancta conspiração do bem.

No concerto de nossos communs esforços, a imprensa reclama uma attenção seria, por quanto ella marcha á frente das obras catholicas. E o reclamar protecção para esta arma necessaria de defeza e de combate, não poderá deixar de reclamar tambem soldados animosos que não recuem na lucta.

Atalaia catholica de Vizeu.—Nossos parabens a este denodado collega, por encetar mais um anno de labor no campo da verdade. E aproveitando o ensejo, agradecemos penhoradamente a todos os collegas que se dignaram saudar o *Progresso Catholico*, quando iniciou seu duodecimo anno.

Influenza.—Esta singular doença anda, ao que parece, em digressão pela Europa. S. Petersburgo, Berlin, Vienna, Paris, Madrid, Malaga e Lisboa, téem sido victimas d'este mal, felizmente de pequena duração, mas contagioso e, na opinião de varios medicos, percursor do cholera. Oxalá saia errado o prognostico.

Dignidade superior ao dinheiro.—Para muita gente, hoje, o dinheiro é

tudo, o resto é nada. Mas ha excepções, e quando alguma apparece é dever consigna-la como exemplo de probidade. «Em Malaga—diz o excelente jornal a *Noção*—um honrado jornalista separou-se ha 7 annos da mulher, por motivos que não vem para o caso. Fallecendo agora um tio da esposa, legou ao marido sete mil duros (2:800\$000 reis) sob condição de se congraçar com a esposa. Pois este honrado homem, que para grangear um parco alimento carece de trabalhar todos os dias, recusou o legado condicional!»

Ainda nem tudo n'este mundo é positivismo.

Cuidado com os enterramentos.—Em Vimenet, cantão de Laissac (Avayron-França) um tal Alary caiu prostrado por uma lethargia. Passadas vinte e quatro horas de rigidez completa, todos o consideraram morto e tractou-se de aviar o enterro. No dia seguinte, estando o coveiro perto da sepultura, ouviu varias pancadas no interior do caixão. Espavorido, fugiu a bom fugir, não parando senão no limiar de sua casa, onde caiu de cançado. Narrou então a causa do susto, e com varias pessoas voltou de novo ao cemiterio, reabriu a cova e encontrou o cadaver ainda quente. O desgraçado foi victima d'uma asphixia.

Mais: Em uma aldeia da provincia de Malaga, uma pequenita de 7 annos ficou prostrada por um ataque epileptico. Verificado o obito por um facultativo, dispoz-se o enterro e foi a creança levada a sepultar. Lançada que foi a ultima pásada de terra sobre o caixão, a mãe, que se tinha opposto ao enterramento, chegou ao cemiterio, e tanto chorou que houveram de desenterrar a pequena, sendo esta reconduzida a casa. Sete horas depois dava signaes de vida, e no dia seguinte brincava á porta da rua.

Haja pois n'este ponto a maior prudencia. A propria medicina tem-se enganado muita vez com os symptomas que parecem indicadores da morte. No dizer da sciencia, os signaes mais insuspeitos são os começos da decomposição cadaverica.

Formosas imagens.—Concluimos com uma noticia commemoradora d'um facto consolador e honrosissimo para Guimaraes. A Meza da Sancta Caza da Misericordia obteve de Paris uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes, e outra de Nossa Senhora de La Salette, expondo as pela primeira vez ao publico, com festa imponente, no dia 8 d'este mez.

O povo queda-se a contemplal-as, sem bem poder fitar aquelles rostos radiantes de magestade, um pendente ao peso d'uma dor immensa, causada pela rebellião dos peccadores; outro—fitando radioso os céos, como apontando aos filhos o logar unico de refugio.

Oh! imagens como estas valem mais para demonstrar a utilidade do culto externo, que muitas apologias devidas á penna dos eruditos.

«São em tamanho quasi natural—diz um nosso collega—e d'um acabamento perfeitissimo. Os rostos são d'uma pureza de linhas e d'uma correcção de formas quasi diriamos angelical. As roupagens estão admiravelmente traçadas: não ha n'ellas uma prega ou um apanhado de mais ou de menos; estão perfectamente copiadas d'*après nature*.»

Sirvam pois as duas encantadoras imagens de mais afervorar os corações dos fleis e mais estreitamente os unir no amor de Jesus, que assim anceadamente o deseja aquella Mãe e Senhora de quem são esbelta e graciosissima copia.

Dezembro, 20.

M. F.

ANNUNCIOS

REPRESENTAÇÃO

DIRIGIDA

AOS PODERES PUBLICOS CONTRA OS JESUITAS
(MAGNIFICA TROÇA)

PELO

PADRE SENNA FREITAS

1 opusculo—100 réis

A ROMA!

(NARRATIVAS DE VIAGEM)

PELO

PADRE MARTINS CAPELLA

1 volume—300 réis

Breve Catecismo do Syllabus

POR MR. GAUME

1 folheto de 50 paginas..... 80 réis

A MAÇONARIA E OS JESUITAS

INSTRUÇÃO PASTORAL

DO

BISPO D'OLINDA

2.ª edição vimaranense com prologo e notas importantes

1 volume..... 500 réis